

A CONSTRUÇÃO AUDIOVISUAL DOS MEDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19 NO BRASIL

Danton Oliveira Normandia¹
Dra. Carla Miucci Ferraresi de Barros²

Artigo recebido em: 06 / 03 / 2023.
Artigo aceito em: 08 / 08 / 2024.

RESUMO:

O medo em perspectiva histórica e cotidiana denota reflexões, enunciações e expressões acerca de diferentes e diversificadas temáticas e realidades. Nesse cenário, priorizando o Brasil no período da pandemia da covid-19, o audiovisual e suas respectivas produções, exemplificadas na 3ª edição do Festival Curta (C)errado – “O medo nosso de cada dia” (2021), contribuem para uma necessária discussão que acarreta possibilidades, proporções e limites em torno do medo e sua intrínseca relação para com o homem e a humanidade em movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Medo; Audiovisual; Covid-19; Brasil; Festival Curta (C)errado;

THE AUDIOVISUAL CONSTRUCTION OF FEARS IN TIMES OF THE COVID-19 PANDEMIC IN BRAZIL

ABSTRACT:

Fear in historical and daily perspective denotes reflections, enunciations, and expressions about different and diverse themes and realities. In this scenario, prioritizing Brazil in the period of the covid-19 pandemic, the audiovisual and its respective productions, exemplified in the 3rd edition of the Curta (C)errado Festival - "O medo nosso de cada dia" (Our daily fear) (2021), contribute to a

¹ Analista Educacional na Superintendência Regional de Ensino de Minas Gerais (SRE-MG) – Uberlândia. Mestrando e graduado em História pelo Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS-UFU). Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/2333652499809894>>. E-mail: <dantononormandia@gmail.com>.

² Professora Associada dos Programas de Pós-Graduação e Graduação do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS/UFU) com ênfase nas áreas de História e Cultura, Cinema e História, Gênero e Sexualidades. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, Bacharel em História e em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Coordenadora do festival audiovisual Curta (C)errado. Coordenadora do grupo de estudo Colonialidade do olhar: visualidades, subjetividades e interseccionalidades do PPGHI/UFU. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0945074272601689>>. E-mail: <carlamiucci@gmail.com>.

necessary discussion that entails possibilities, proportions, and limits around fear and its intrinsic relationship to man and humanity in motion.

KEYWORDS: Fear; Audiovisual; Covid-19; Brazil; Festival Curta (C)errado;

1. Introdução

A compreensão em torno do medo foi e é palco de muitas investigações, análises e produções acadêmicas ao longo do tempo. Sob múltiplos e diversificados contextos, conjunturas e significados que evocam uma série de relações e contradições, o medo permeia a relação do homem com a sua própria natureza, num jogo de forças que ultrapassa as barreiras do (des)conhecido, das (in)certezas e da (des)ordem.

Sob essa perspectiva, o medo associa-se a um conjunto de relações que se manifestam em diferentes temporalidades e espacialidades, do passado ao futuro, do Ocidente ao Oriente, do individual ao coletivo, das sensações aos sentimentos. Em todas estas, nenhum caminho se mostra assertivo em definir o que é o medo – se é que há uma essência que o defina como verdade absoluta ou a-histórica. Entretanto, as várias possibilidades e tentativas de caracterizá-lo reforçam sua complexidade e apontam uma infinidade de sentidos e materialidades possíveis que acompanham as tentativas de delimitá-lo.

O presente artigo³ cuja temática e objeto de reflexão é o medo, vem juntar-se a essa difícil e intrincada tarefa – sem pretensões de apresentar respostas ou direcionamentos definitivos. Contudo, é importante localizar, em meio a vasta bibliografia sobre o tema e seus diferentes recortes, de onde este artigo parte e onde ele pretende chegar.

O enfoque temporal se desdobra no tempo presente, que como bem definiu Walter Benjamin, um presente carregado de passado⁴. Assim, debruçamo-nos sobre esse lapso temporal do presente que já nasce passado, mas

³ Considerações em construção diante da pesquisa desenvolvida sob a modalidade de Bolsa de Desenvolvimento em Ciência, Tecnologia e Inovação financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa em Minas Gerais (FAPEMIG) entre os anos de 2022-2024.

⁴ Ver também: BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: *Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

que carrega um lampejo do que poderia ser o futuro em suas mazelas, dúvidas, rupturas e permanências que englobam o imaginário e a realidade concreta dos sujeitos que vivem na modernidade capitalista-colonialista⁵. Em termos mais específicos, aprofunda-se em torno dos medos expressos no Brasil no período de pandemia global da Covid-19 – entre os anos de 2020 e 2021.

Para essa consideração, um segundo elemento compõe e dimensiona esse recorte: a 3ª edição do Festival Curta (C)errado – “O medo nosso de cada dia” (2021) e seu respectivo corpus documental⁶. Incorpora-se, em recorte temático e metodológico, as produções audiovisuais, fomentadas e visibilizadas pelo festival, que constituem diferentes abordagens, olhares e enunciações para o medo, em meio às vivências contemporâneas sob um cenário inédito e de perplexidade.

Desse modo, o presente artigo busca analisar as enunciações audiovisuais do medo, assim como refletir sobre suas interações com o contexto histórico, suas implicações com o cotidiano e a construção de uma narrativa histórica sobre o momento pandêmico. A ideia é contribuir para o amplo e complexo debate sobre o relacionamento de longa duração entre a História, o medo e suas enunciações sem pretensões a certezas e conclusões definitivas.

2. Os medos entre o histórico e cotidiano

O medo em trajetória histórica e cotidiana se manifesta por meio de clivagens, ou melhor, conforme Yi-Fu Tuan (2005 [1979])⁷, por meio de paisagens que repercutem, desde estados psicológicos ao meio ambiente real construído e experienciado pelo homem e pela sociedade em recorrente transformação. Desde já, a consideração em retratar sobre o medo é uma proposição complexa e multifacetada ao se evidenciar suas repercussões nas relações humanas.

⁵ Sobre essa noção “modernidade capitalista-colonialista, ver também em: ROLNIK, Suely. *Esféricas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

⁶ O Festival Curta (C)errado é um evento bienal, ocorrida na cidade de Uberlândia-MG desde 2017, que fomenta as produções audiovisuais com reflexões no campo das relações de gênero, cinema, memória, subjetividades e visualidades. As demais informações detalhadas sobre o festival, para além da edição mencionada, como também, dos acervos vinculados ao evento constam adiante neste artigo.

⁷ Ver também: TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005 [1979].

Consoante a essa ideia, Jean Delumeau (2009)⁸ afirma que o medo passa de uma condição social a ser evitada ou silenciada para ser aceita e consumada na transição dos tempos medievais às épocas modernas. Uma transição que, não necessariamente, é marcada por progressos. Pelo contrário, é marcada por arraigados preconceitos, desigualdades, perigos e temores que, simultaneamente, refletem na vida privada e coletiva dos indivíduos – sobretudo, nesse caso, na Europa ocidental.

Contudo, os avanços para a modernidade não extinguem a presença do medo em sociedade. No máximo, condiciona-o a uma entidade a ser tolerada ou remediada. Em realidade, de acordo com Zygmunt Bauman (2008)⁹, as reflexões desse período convencionam o medo em um estágio ainda mais complexo em comparação com séculos anteriores. Sob um mundo amplamente globalizado, o medo encontra-se difundido em, praticamente, todos os lugares e situações (des)conhecidas e, cada vez mais, se multiplicando entre novas e inéditas surpresas. Desse modo:

Nossa vida está longe de ser livre do medo, e o ambiente líquido-moderno em que tende a ser conduzida está longe de ser livre de perigos e ameaças. A *vida inteira* é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos, genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos (BAUMAN, 2008, p.12).

Diante dessa luta, a saída que a modernidade encontrou foi a (ir)racionalização desse medo e uma falsa sensação de controle do que muitas vezes é incontrolável, agravando-se a dificuldade de distinguir uma grande ou relevante catástrofe de uma pequena ou particular tragédia (Bauman, 2008, p. 21). Um impasse que também é apresentado por Luciana Oliveira dos Santos (2003)¹⁰, para quem o medo aparece como fruto da gradativa individualização – egocêntrica e meritocrática – das atuais sociedades. Estas que, mesmo em um mundo hiper ou

⁸ Ver também: DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁹ Ver também: BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

¹⁰ Ver também: SANTOS, Luciana Oliveira dos. O Medo Contemporâneo: abordando suas diferentes dimensões. Rio de Janeiro: **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 23, n. 2, p. 48-55, 2003.

super conectado, se (des)articulam sob incessantes distâncias, desamparos e ainda mais inseguranças e violências (Bauman, 2008, p. 24; Santos, 2003, p. 53).

Sob esse cenário, segundo Novaes (2007)¹¹, a situação atual, em boa parte das sociedades ocidentais modernas, projeta-se para uma ausência de sentido e uma desesperança em relação ao futuro diante de recorrentes crises humanitárias e conflitos de proporções globais. O medo, portanto, se encontra estimulado e escancarado. Em exemplificação, a pandemia da covid-19 – alvo temático deste artigo – é uma métrica dessa conjuntura em desenvolvimento.

Desse modo, essa construção do medo sob o ponto de vista histórico, entre comparações e complementações com o passar dos séculos, aponta para uma realidade controversa – incluindo a contemporaneidade. Nesse ponto, em concordância ao que expõe Delumeau (2007)¹², o medo se engrandece aos seus múltiplos e derivados extremos quando não se é percebido de forma lúcida e necessária para o contínuo desenvolvimento da humanidade. Sem essa consciência, sob o equilíbrio dos progressos e perigos que o acompanham, o que ressoa é o descontrole invasivo ao cotidiano das sociedades presentes no ontem, no hoje e, possivelmente, no amanhã.

Sob esse fluxo temporal, um medo, em específico, se resalta dentre tantos outros, em conformidade aos trabalhos de Ignácio Gerber (2013)¹³, Delumeau (2007) e de Francis Wolff (2007)¹⁴. Trata-se, para eles, do medo fundamental, mais humano, constante e universal já existente: o medo da morte. Não se trata, portanto, de um medo qualquer. Pelo contrário, é um medo que representa a complexidade da relação do homem com o próprio medo. Afinal, não há nada mais humano que o sentir e o refletir sobre a morte. Desse modo, parafraseando Wolff (2007), não existe

¹¹ Ver também: NOVAES, Aduino (Org). **Ensaio Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

¹² Ver também: DELUMEAU, Jean. Medos de ontem e de hoje. In: NOVAES, Aduino (Org). **Ensaio Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

¹³ Ver também: GERBER, Ignácio. O medo da perda do amor. São Paulo: **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 47, n. 1, p. 32-40, 2013.

¹⁴ Ver também: WOLFF, Francis. Devemos temer a morte?. In: NOVAES, Aduino (Org). **Ensaio Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

um ser humano, independe de suas características e identidades concebidas, que não tenha tido medo da morte.

Nesse sentido, o medo da morte também se associa, paradoxalmente, com a relação do homem com a vida e o ato de viver. Ao mesmo tempo que se proclama enquanto uma certeza, simultaneamente, se estabelece como nada certo e se aparece como um fato de conteúdo conhecido, sua respectiva forma apresenta-se sob completo desconhecimento. Assim, o medo da morte, como um medo elementar, constitui-se como o fim para todos os outros medos e suas especificidades. Por isso, através desse medo, a vida se mostra uma figura de resistência que, como bem ressalta Wolff (2007), merece ser exaltada: do temor ao destemor, não se teme a morte depois da vida, mas a morte na vida.

Para além dessa profunda reflexão, o medo, insere-se, também, no mundo político assim como nas suas correlações sociais e culturais. Isto é, a organização em sociedade e as conseqüentes dinâmicas de poder, ao longo da história humana, são perpassadas pelo medo desde os tempos da filosofia contratualista, bem explorado por Maria Isabel Limongi (2007)¹⁵, aos tempos contemporâneos acentuados por conflitos e guerras ao terrorismo, como apresenta Jacques Rancière (2007)¹⁶.

Nesse escopo, Limongi (2007), ao retratar a construção filosófica em torno dos contratualistas, como Thomas Hobbes e Jacques Rousseau, atrela o medo enquanto um instrumento de sustentação aos vínculos civis idealizados e concretizados pelo homem. Consoante a isso, a lógica do poder ganha destaque ao se projetar nas relações humanas em comunidade. Desse modo, o medo, na ótica hobbesiana, dá-se pelo temor do homem em relação aos outros homens e pela produção e reprodução de poderes sem limites.

A resposta para isso desemboca nas maneiras racionais com que se dá a relação para com o medo e sua proliferação em âmbito político e social. Como

¹⁵ Ver também: LIMONGI, Maria Isabel. A racionalização do medo na política. In: NOVAES, Adauto. **Ensaios Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

¹⁶ Ver também: RANCIÈRE, Jacques. Do medo ao terror. In: NOVAES, Adauto. **Ensaios Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

ressalta Rancière (2007), entre as atitudes razoáveis para se lidar com o medo ou a repreensão em torno do seu perigo ou mesmo sua rejeição, exerce-se a capacidade de racionalizá-lo. Com isso, principia-se a utilização da estratégia do temor pelo temor nas relações e organizações de poder, desenvolvendo, assim, o âmbito do medo.

Além desses pilares, o medo também está presente na conflituosa e histórica relação da ciência com a sociedade – ainda mais em tempos contemporâneos. Em realidade, na medida que se realiza evoluções no campo científico, há o aparecimento de crises diante das aspirações em prol de respostas ou soluções para as adversidades do mundo. No entanto, tais expectativas nem sempre são acertadas e, o pior, podem até caminhar para o sentido oposto ao que era esperado. Nesse sentido, como apresenta Etienne Klein (2007)¹⁷, a relação ciência e sociedade se assemelha, em metáfora, a um casal que está se separando, em que não se existe mais a companhia, restando somente as discussões acaloradas.

Consoante a isso, é crescente a desconfiança mesmo num mundo onde a realidade se apresenta em gradativo progresso científico. Ainda mais, considerando que as inovações científico-tecnológicas desenvolvidas, ao longo do tempo, foram utilizadas não só para o bem “civilizatório” como previa o projeto iluminista, mas também para o mal, para a barbárie e para o genocídio a céu aberto, por exemplo, praticado pelo governo nazista. Em retomada das reflexões de Klein (2007), há uma arraigada distância entre o papel da ciência e sua importante contribuição social e o reconhecimento da própria sociedade que, em tese, se desfruta desse incessante progresso.

Em complemento, o fato da ciência se encaminhar como uma entidade com um discurso que se pretende universal e disposta a encontrar a(s) verdade(s), agrava o cenário de crise e desconfiança. Assim, se a descoberta de uma dada “verdade”, pela ciência, não apresenta um sentido para a sociedade, logo, esta caminha para uma ruptura com aquela. A desconfiança se torna, sem surpresas, descrença. Desse

¹⁷ Ver também: KLEIN, Etienne. Questionando a ciência. In: NOVAES, Adauto. **Ensaio Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

modo, a presença do medo – e suas diversificadas consequências – no âmbito científico não é mera ou simples coincidência.

Diante desses pilares, da morte à ciência, no desenrolar dos séculos – destacando a modernidade e sua relação com a contemporaneidade –, expressa-se a multifacetada relação da humanidade com os processos e dispositivos de construção de seus medos, que por sua vez, não se esgotam mesmo sob as muitas tentativas e possibilidades de compreendê-lo. Nos presentes debates e reflexões com o intuito de conceituar o medo, ele se apresenta na sua própria indefinição.

3. A relação da História e o audiovisual

As produções audiovisuais e o próprio cinema constituem, não é de hoje, uma destacada relação com a História. Na pesquisa apresentada neste artigo, busca-se contribuir para com essa realidade que, como ressalta Robert Rosenstone (1998)¹⁸, tem sido uma das principais fontes de conhecimento histórico para a população nos últimos tempos.

Uma das motivações consideradas se prontifica, com base em Paulo Roberto Arruda de Menezes (1996)¹⁹, pela projeção dos filmes que, por tudo que o envolve – desde a produção à recepção ao público –, se configura como uma atividade. Mas não, uma atividade qualquer. Trata-se de um processo de imersão “(...) em algo que é absolutamente diferente do mundo do qual saímos e no qual vivemos” (Menezes, 1996, p. 85-86). Assim, reflete-se que o filme, por essa dinâmica, se realiza no ato de ser percebido e não de ser pensado (Merleau-Ponty, 1983, p. 115 apud Menezes, 1996, p. 86-87).

Em razão desse cenário, Menezes (1996) e, também, Mônica Almeida Kornis (1992)²⁰ evidenciam, portanto, que o cinema não reproduz a realidade e, sim, se

¹⁸ Ver também: ROSENSTONE, Robert A. História em imagens, História em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a História em imagens. Salvador: **O Olho da História. Revista de História Contemporânea**, v. 1, n. 5, p. 105-116, 1998.

¹⁹ Ver também: MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. Cinema: imagem e interpretação. São Paulo: **Tempo Social**, v. 8, n. 2, p. 83-104, 1996.

²⁰ Ver também: KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, vol. 5, nº 10, 1992, pp. 237-250.

exibe enquanto uma construção a partir do real e, ainda, sob uma linguagem própria e um dado contexto histórico (Menezes, 1996, p. 89; Kornis, 1992, p. 238). No máximo, pode se representar uma ilusão de “representificação” no momento da atividade em execução (Menezes, 1996, p.89).

Consoante a isso, o filme passa a ser uma importante fonte para se compreender o mundo – desde os comportamentos às ideologias existentes – e a diversidade de sociedades e momentos históricos. Desse modo, o filme, a partir da articulação entre a palavra, a imagem, o som e o movimento, se consolida como uma construção que permite a alteração da realidade através da manipulação ideológica de seu conteúdo (Menezes, 1996, p. 93; Kornis, 1992, p. 239; Rosenstone, 1998, p.5).

Diante dessa compleição, uma questão se aprofunda: a assimilação do filme como um conhecimento válido para a história (Rosenstone, 1998, p.4). Para as possíveis respostas, diferentes historiadores e correntes historiográficas do último século se debruçaram em compreender este problema. Os trabalhos de Marc Ferro neste tema²¹, como recorda Kornis (1992), demonstram que o filme constitui, simultaneamente, um agente da história e um documento para a análise das sociedades que revela as crenças, as intenções e o imaginário do homem (Kornis, 1992, p. 243).

Para além dessa concepção, os trabalhos de Pierre Sorlin – também enfatizado por Kornis (1992) – apresentam uma outra condição em relação aos filmes e sua relação com o conhecimento histórico. Para ele, o que importa são “(...) os mecanismos internos da própria expressão cinematográfica com a configuração ideológica e o meio social nos quais os filmes – um a um, ou por grupos – se inserem.” (Kornis, 1992, p. 246). Assim, a produção audiovisual se torna uma reflexão imaginária de alguns aspectos da sociedade diante de várias visões possíveis em torno da realidade (Kornis, 1992, p. 247).

Outro adendo de Kornis (1992), neste balanço de interpretações históricas e sociológicas acerca do cinema e dos filmes, se refere, também, aos historiadores

21

ingleses Anthony Aldgate, Jeffrey Richards e Arthur Marwick que nos seus trabalhos abordam o filme em sua “(...) capacidade de retratar uma cultura e dirigir-se a uma grande audiência na condição de meio de controle social e de transmissor da ideologia dominante da sociedade” (Kornis, 1992, p. 247).

Sobre essas diferentes posições, constata-se a diversidade e a riqueza em torno do trabalho do historiador no âmbito do audiovisual e seus plurais desafios ao se considerar um outro tipo de fonte de conhecimento histórico e, conseqüentemente, como destaca Rosenstone (1998), mais uma ou mesmo uma diferente “verdade histórica” existente que ainda se encontra “(...) lutando por adquirir um lugar numa tradição cultural que durante muito tempo privilegiou o discurso escrito” (Rosenstone, 1998, p. 10).

4. O medo e o audiovisual: 3º Festival Curta (C)errado – o medo nosso de cada dia (2021)

O Festival Curta (C)errado é um projeto idealizado pela docente dos cursos de pós-graduação e graduação do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS-UFU), Dra. Carla Miucci²², e conta com a colaboração da professora Dra. Mônica Campo²³, do mesmo Instituto. O evento ocorre a cada dois anos na cidade de Uberlândia-MG, com a programação em cartaz no auditório do Museu de Arte de Uberlândia (MunA). Até o presente momento, o festival contou com três edições nos anos de 2017, 2019 e 2021 – e com a previsão de uma quarta edição para o ano de 2023. Trata-se de um evento que objetiva o fomento, a promoção e a visibilidade e fomento de produções audiovisuais com reflexões que tratam e caracterizam o campo das relações de gênero, cinema, memória, subjetividades e visualidades.

²² Carla Miucci Ferraresi de Barros é doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP) e docente da graduação e do programa de pós-graduação do Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia-MG (UFU). Pesquisadora dos campos do cinema, das relações de gênero e das visualidades.

²³ Mônica Brincalpe Campo é doutora em História pela Universidade de Campinas (UNICAMP) e docente da graduação e do programa de pós-graduação Instituto de História (INHIS) e do mestrado profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia-MG (UFU). Pesquisadora dos campos do cinema, memórias, subjetividades e das visualidades.

A primeira edição do Festival, ocorrida em 2017, tratou das relações de gênero, sexualidades e suas intersecções com as questões da violência contra a mulher, homofobia, feminicídio, transfobia, diversidade sexual, transgeneridade, masculinidades, raça, direitos humanos e reprodutivos. A segunda edição, ocorrida em 2019 e intitulada de “Corpos vulneráveis e vidas precárias”, tratou da precarização das vidas e da vulnerabilidade de corpos em nossa sociedade, evidenciando também os preconceitos e potencializando reflexões interdisciplinares que tocam em temas problematizados na primeira edição.

A terceira edição, ocorrida remotamente em 2021, cujo título foi “O medo nosso de cada dia”, teve como temática justamente o medo e seus arrebatamentos que perturbam e amedrontam a alma e o corpo na contemporaneidade, apresentando diferentes e sensíveis olhares, abordagens e enunciações sobre o medo, entendido tanto em sua dimensão de afeto quanto como modo de percepção do mundo atual e suas respectivas problemáticas éticas, políticas, sociais, científicas e culturais.

O enfoque deste artigo se concentra, especificamente, na terceira edição do Festival Curta (C)errado – “O medo nosso de cada dia”. Sob o cenário de pandemia Covid-19 no Brasil, o festival ocorreu entre os dias 2 e 10 de outubro de 2021, de forma experimental e inédita em caráter totalmente remoto. Ao todo, foram inscritos 316 curtas-metragens nacionais, produzidos entre os anos de 2020 e 2021, com duração máxima de 25 minutos, tendo sido selecionados 125 dispostos entre os gêneros ficção, documentário, animação e experimental.

A partir das produções audiovisuais selecionadas para o festival, foi feito um trabalho de classificação e divisão dos curtas que levou em conta temáticas mais específicas, como o gênero e a duração dos filmes. No entanto, ressalta-se que, para este trabalho, priorizou-se uma classificação/divisão que aproximasse ou agrupasse o conjunto de curtas-metragens sob a ótica de alguns medos identificados e analisados ao longo da pesquisa.

Essa classificação dos curtas-metragens e suas classificações nos tipos de medos específicos, ocorreu a partir de duas vias: as temáticas trazidas pelos próprios filmes, entendidos como fontes documentais; e as problemáticas apresentadas por parte da bibliografia consultada para o escopo desta pesquisa. Assim, a partir de repetidas apreciações, chegou-se aos denominadores tipificados dos medos, levando em consideração fatos, lembranças e reflexões enunciadas em cada um deles e pelo conjunto.

Vale lembrar, ainda, que a classificação proposta é apenas uma proposição dentre tantas outras possíveis. Nem mesmo se pode afirmar que tais categorias, sob os critérios demonstrados acima, exauram outras definições e classificações. Trata-se, antes, de uma possibilidade encontrada e aprofundada no tempo desta pesquisa e que ressalta, também, com as devidas proporções do festival e seu enfoque temático, as relações existentes entre o audiovisual e a História.

Nesse sentido, destacamos seis “tipos” de medos presentes no acervo à disposição: o medo da morte; o medo de relacionamento; o medo da loucura; o medo do governo; o medo do futuro; e o medo do preconceito. Há, também, curtas-metragens marcados como “indefinidos”, diante de problemas de exibição e acesso no decorrer e posteriormente ao festival²⁴. O gráfico e a tabela, a seguir, mostram essa metodologia de classificação e articulação entre as produções audiovisuais e os medos:

Tabela 01: Curtas-metragens da 3ª edição do Festival Curta (C)errado – “O medo nosso de cada dia”. Tipos de medo.

Quantidade de curtas-metragens	“Tipos” de medos
28	Relacionamento
25	Loucura
24	Futuro

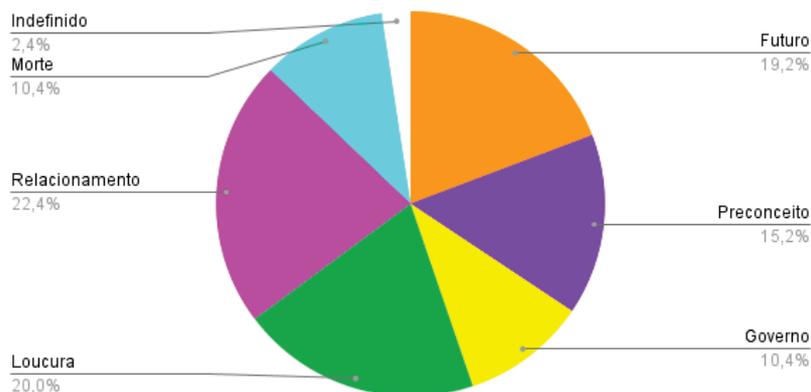
²⁴ Os curtas-metragens “indefinidos” foram retirados do ar ou não constam informações de acesso nas plataformas indicadas no ato das inscrições. Em contato com os responsáveis das produções, não foram obtidas respostas.

19	Preconceito
13	Morte
13	Governo
3	“Indefinido”

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 01: Curtas-metragens da 3º edição do Festival Curta (C)errado – “O medo nosso de cada dia”. Tipos de medo.

Os tipos de medo(s) nos curtas-metragens - 3º Festival Curta (C)errado (2021)



Fonte: Elaboração própria

Os dados da tabela 01 nos mostram que, da amostragem analisada (125 curtas-metragens), aqueles que tratam do medo de relacionamento representam a maioria, o equivalente a 22,4% do total, conforme gráfico 01. É importante entender que essas produções não tratam de um tipo de relacionamento em específico. Eles aparecem em diversos formatos, contextos e mobilizam desejos diversos, com desafiantes formas de enunciações e de processos de (des)socialização.

Nesse sentido, temos curtas-metragens que apresentam o relacionamento em suas condições ligadas ao casamento, à família, à amizade, à vizinhança, dentre outros ordenamentos sociais. Além disso, abordam as performances de gênero que,

direta e/ou indiretamente, aparecem associadas com crimes e violências frutos do machismo, como o feminicídio, por exemplo.

Em seguida, com 25 curtas-metragens, o equivalente a 20% do total da amostragem, está o medo da loucura que dialoga, principalmente, com a (in)capacidade e a (in)sanidade humana de lidar com dilemas ligadas ao fantasioso, ao desconhecido, ao abstrato, ao oculto ou ao sobrenatural. Dito isso, os curtas-metragens observados trazem a loucura atenta aos embates do ser humano em seu estado psicológico e seus respectivos estímulos imaginativos que aparecem em variados momentos do cotidiano.

Em relação aos temas vinculados a esse “tipo” de medo, elucidada-se, a partir de curtas-metragens ligados ao terror ou ao suspense em sua forma de construção narrativa, os transtornos mentais em decorrência médica ou ligada ao uso de substâncias ilícitas, com destaque para a depressão e suas respectivas consequências no modo de ser e agir em sociedade. Consoante a isso, exibe-se, também, episódios de paranoia, de insônia e de pesadelos que problematizam o homem em relação ao cotidiano e ao mundo que vive no âmbito da insegurança e da solidão.

O medo do futuro aparece na terceira posição, com 24 curtas-metragens e representando 19,2 % do total da amostragem. Sob um recorte mais amplo em relação aos demais medos analisados, a ótica de “futuro” não possui um nicho temático fechado. As produções englobadas nesse conjunto não se aproximam de nenhuma das outras categorias elencadas na pesquisa. Trata-se de produções reflexivas que evocam, em grande parte, aspectos políticos e projeções econômicas em formato de distopias.

No âmbito temático, são curtas-metragens que abordam problemas em torno do envelhecimento humano, do antropoceno²⁵ e de denúncias sobre o

²⁵ Em linhas gerais, conforme Bruno Latour (2020), o antropoceno se estabelece como um novo período geo-histórico em camadas que dimensionam, desde a filosofia à política, a humanidade para além de noções relacionadas à modernidade, redesenhando o sentido de vínculo com a Terra, a sociedade e a natureza cujos traços se portam, gradativamente, mais inverossímeis. Ver também: LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

funcionamento do sistema capitalista, do trabalho contemporâneo, do meio ambiente, da tecnologia – como a internet, as inteligências artificiais e demais exemplos de veículos e instrumentos desse nicho – e seus respectivos desdobramentos, transformações e/ou consequências projetadas ao longo prazo temporal.

O medo do preconceito é abordado em 19 curtas-metragens, sendo presente em 15,2% das produções analisadas. O preconceito enunciado nesse agrupamento está ligado às construções estruturais e históricas que fundamentam julgamentos, exclusões e segregações sociais – sobretudo, a partir da sociedade brasileira em sua respectiva realidade em desdobramentos estruturais e históricos.

Nisso, as produções dispostas nessa categoria, hegemonicamente, manifestam preocupações, denúncias e traumas conectados ao racismo, ao capacitismo e à LGBTfobia em situações ou casos expressos desde a infância à fase adulta de um indivíduo ou de uma comunidade – como os povos indígenas, os povos quilombolas, dentre outros. As dualidades que aparecem nas tensas relações configuradas pela violência versus resistência e o protagonismo versus inviabilidade também se fazem presentes nos curtas-metragens quando abordam questões relativas à ancestralidade, por exemplo.

Não obstante, o medo da morte se faz presente em 13 curtas-metragens, representando 10,4% das produções analisadas. Em grande parte, a morte aparece sob múltiplas e diversificadas formas, na perda ou na construção do luto em torno de um ente querido, sobre uma perda que já ocorreu, independente se recordado em tempos recentes ou em memórias longínquas.

No entanto, também casos em que a morte, enquanto elemento central, é enunciada como contradição entre ser admitida, assim, aceita como uma condição natural; e negada, quando não superada pelos sujeitos ligados ao morto ou, ainda, por uma busca incessante por sobrevivência. Por último, é relevante também a menção, encontrada a partir dos curtas-metragens em questão, do fenômeno do suicídio e suas complexas dinâmicas entre o pensar e o consumir o fato.

O medo do governo também é contemplado nesse escopo e empata com o medo da morte em número de produções que tratam dessa temática. Apesar de uma maioria estar sob o enfoque do governo brasileiro, especificamente do mandato do presidente Jair Messias Bolsonaro, há outras nuances, principalmente políticas, demonstradas nos curtas-metragens. Há os que problematizam e denunciam formas autoritárias de governo ou de Estado que existiram ao longo da história, como também, apresentam manifestações sociais e outras formas de resistências a estes cenários políticos – até mesmo em projeções de distopias.

Nesse sentido, assim como no caso dos curtas-metragens que abordam no medo do preconceito, a dicotomia da opressão e da resistência – sob os contornos da violência, da justiça e da insegurança, também – estão presentes, porém sem a centralidade, por exemplo, de pautas raciais ou de gênero. Assim, trata-se de curtas-metragens que fornecem denúncias, memórias e reflexões nas organizações e responsabilidades dos sujeitos históricos em uma dada conjuntura política, social, econômica, ideológica etc.

Em vista dessa classificação/divisão em torno do conteúdo temático dos curtas-metragens, os medos elencados atrelam-se ao contato para com essas fontes e, simultaneamente, as influências bibliográficas decorridas da pesquisa. Sob repetidas exhibições, chegou-se a essas considerações. Contudo, não se trata de respostas corretas. Nem mesmo se pode confirmar que tais categorias, sob os critérios demonstrados acima, não representam outras definições e simbolismos, como também, já não se integram a uma outra categoria. Desse modo, tratou-se apenas de uma possibilidade encontrada e aprofundada no desenvolvimento da pesquisa.

5. Entre filmagens e contextos: o medo da pandemia da covid-19 no Brasil

Na relação estabelecida entre os medos e suas respectivas expressões no audiovisual brasileiro, um fator não deve passar despercebido nem visto como um mero detalhe: o momento em que foram produzidos a maioria dos curtas-metragens presentes na 3º edição do Festival Curta (C)errado – “o medo nosso de cada dia”

(2021). Tratava-se de uma já histórica pandemia, entre os anos de 2020 e 2021, com efeitos e consequências globais, atrelada a um vírus de contágio e transmissão até então desconhecidos.

Apesar de iniciada em outros continentes, regiões e países – da Ásia à Europa –, a pandemia de covid-19 deixou marcas profundas e em processamento no Brasil e nos brasileiros nesses últimos anos. Nessas circunstâncias, Richard Miskolci (2021)²⁶, em um curto ensaio sobre esse processo advertiu que:

“Quando o que era risco se materializou em perigo epidemiológico, a incerteza gerou cálculos, projeções e probabilidades sobre a curva da epidemia, mas também instaurou um estado de crise que vincula a coletividade e os sujeitos.” (MISKOLCI, 2021, p.165)

Sob essa realidade, o medo e sua respectiva profusão de significados, simbolismos, reações e enunciações se torna parte do cotidiano nacional – e mundial. Nisso, elabora-se e compartilha-se uma série de situações em torno de teorias conspiracionistas e negacionistas em relação ao vírus – desde suas origens a sua real existência – e, também, aos tratamentos e prevenções admitidas com o intuito de não expandir o contágio e transmissão. A necessidade do isolamento social – depois, o alvo se tornou as vacinas – frente a inexistência de remédios para conter os sintomas da doença são exemplos desse disputado processo (Miskolci, 2021, p.165).

As consequências desse cenário, destacadas por Christian Ingo Lenz Dunker (2020)²⁷, é a manipulação de um ambiente político paranoico e perverso, em que as desconfianças e os desencontros sobre o que se vê, o que se escuta e o que se sabe e, também, em relação ao outro são gradualmente potencializadas em expectativas e problematizações, inclusive através de pontos de vistas, sobre a pandemia da covid-19 no país (Dunker, 2020, p.18). Com isso,

“A expectativa de que o vírus seja devastador, não apenas em termos de vidas, mas também em impacto econômico, social e moral, cria por si só

²⁶ Ver também: MISKOLCI, Richard. O medo da pandemia como questão sociológica. Rio de Janeiro: **Sociologia & Antropologia** [online], v.11, n. spec, p. 163-168, 2021.

²⁷ Ver também: DUNKER, Christian Ingo Lenz. **A arte da quarentena para principiantes**. São Paulo: Boitempo, 2020.

suas próprias condições de realização. As pessoas ficam em casa, os governos bloqueiam aglomerações públicas, as famílias estocam víveres, as bolsas avaliam efeitos sobre o consumo futuro e... a realidade confirma a teoria” (DUNKER, 2020, p. 18).

Entre expectativa e realidade, um dilema emergiu desse cenário, como ressalta Dunker (2020). Isto é, promoveu-se a indiferença frente aos absurdos difundidos – inclusive pautadas, predominantemente, nos discursos do então presidente Bolsonaro –, a fim de se garantir a capacidade de se sonhar ou de se esperançar. Ao passo que essa mesma retórica, acreditada e expandida por muitos bolsonaristas declarados nesse período, contribuíram para a falta de discernimento e de reconhecimento da realidade do país. Em ambas as perspectivas, a pandemia se fez fomentada e centralizada (Dunker, 2020, p. 19).

Contudo, mesmo sendo um dilema, não se trata de uma equivalência de considerações. Pelo contrário, reforça-se as contradições. Inclusive, sob o uso do termo “histeria”. Uma palavra usada para se diminuir a relevância e a periculosidade da pandemia da covid-19 no Brasil (Dunker, 2020, p.47). No entanto, a histeria representou a idealização de desejos e ações alheias, restringindo a criticidade e a autonomia de pensamento sobre o momento vivido (Dunker, 2020, p.49).

Não obstante, o contraditório se transforma em nocivo, devido ao alto grau de influência e repercussão que se modela ao se descredibilizar uma pandemia com milhares de mortes corriqueiras e outros nefastos problemas e prejuízos para a sociedade em desproteção. A histeria, em sua devida concepção, denota responsáveis e responsabilidades que exemplifica os desdobramentos em torno do medo, sobretudo, no mundo político e suas respectivas conexões para com a sociedade – nesse caso, brasileira.

Para além desses efeitos, que perpassam a singularidade do país em um contexto de pandemia e suas respectivas formas de relação e reconhecimento, um importante ponto, conforme Miskolci (2021), se faz presente. O caos generalizado instituído no Brasil, durante esse período, não deixou de ter considerações em torno da estrutura histórica do país – do passado ao presente. Isto é, em meio ao cenário de adversidades e fragilidades que materializam a lacuna da solidariedade e da

coletividade, a desigualdade e o individualismo permaneceram e se sobressaíram no cotidiano (Miskolci, 2021, p. 166).

Com esse legado em construção, estimam-se diferentes e plurais manifestações e produções, do âmbito político ao cultural e artístico, discutindo e problematizando, de forma mais geral ou específica, as transformações ocorridas e em ocorrência no país antes, durante e depois da pandemia da covid-19. Nesse sentido, o festival e, conseqüentemente, seu acervo audiovisual, em análise neste artigo, se formalizam como enunciações dessa conjuntura.

Em vista disso, a pandemia da covid-19 no Brasil, um momento inquietante e trágico na histórica recente do país, se estabelece como um elemento que está presente em 33 curtas-metragens do 3º Festival Curta (C)errado – “o medo nosso de cada dia” (2021). Para entender a proporção desse dado, considera-se que mais de ¼ das produções do festival²⁸ estavam diretamente atreladas, quanto ao tema, ao momento pandêmico brasileiro.

Além disso, esses curtas-metragens se inseriram em todas as categorias de “medo” classificados na pesquisa desenvolvida – do medo da morte ao medo de relacionamento. Sobre essa relação, apresentamos uma segunda tabela e gráfico neste artigo:

Tabela 02: Curtas-metragens da 3º edição do Festival Curta (C)errado relacionados com a pandemia da covid-19

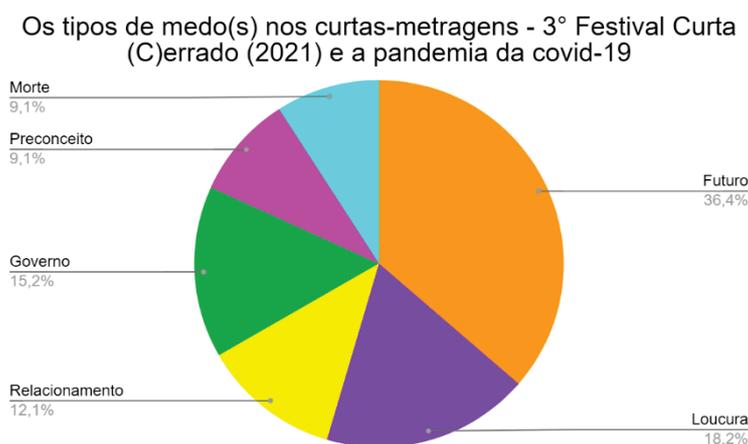
Quantidade de curtas-metragens	“Tipos” de medos
4	Relacionamento
6	Loucura
12	Futuro
3	Preconceito
3	Morte

²⁸ Trata-se de 33 curtas-metragens em uma amostragem total de 125 produções selecionadas no 3º Festival Curta (C)errado – “o medo nosso de cada dia” (2021), o que equivale, em número exatos, a 26,4%.

5	Governo
---	---------

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 02: Curtas-metragens da 3º edição do Festival Curta (C)errado e relacionados com a pandemia da covid-19



Fonte: Elaboração própria

Ao se voltar para essa segunda classificação, surgiram novas questões, com o intuito de se diferenciar os medos já delimitados diante de uma realidade única e nada corriqueira sob o ponto de vista histórico. Contudo, o mundo antes, durante e até mesmo após a pandemia são diferentes e exigem particularidades em termos analíticos e críticos que não encontraram respostas no desenvolvimento deste artigo. Como comparar quaisquer um desses medos classificados entre períodos, apesar de próximos, distintos? Como contrastar, por exemplo, o medo da morte no período da pandemia da covid-19 no Brasil e em anos anteriores a esse momento?

Contudo, a sobreposição dos dados entre os 33 curtas-metragens relacionados com a pandemia covid-19 no Brasil e as outras 92 produções restantes²⁹ que não abordam esse momento histórico apresentam inferências para se refletir um pouco sobre esse problema acima, a partir das definições propostas para se classificar cada um dos medos em relação ao 3º edição do Festival Curta (C)errado – “o medo nosso de cada dia” (2021).

²⁹ Preferiu-se não destacar novas tabela e gráfico para esses curtas-metragens em específico, visto que já estiveram inseridos nas primeiras demonstrações apresentadas no total de produções da 3º edição do festival.

O medo do futuro, por exemplo, é protagonista nessa proposição, organizada a partir de uma segunda classificação atrelada à pandemia da covid-19 no Brasil, com 12 curtas-metragens de 33 possíveis, representando 36,4% dessa amostragem. Ademais, ao se considerar a totalidade de produções relacionadas a esse medo no festival, são 12 de 24 produções, correspondendo, assim, a metade de curtas-metragens cujo medo simbolizado é o futuro.

Para além dessa inferência, destaca-se também, nessa segunda classificação, o medo do governo. Em um contexto de pandemia da covid-19, 5 das 33 produções sob esse enfoque retrataram essa temática, equivalendo a 15,2% desse conjunto de curtas-metragens do festival. Em relação ao todo sobre esse medo, configura-se mais de 1/3 de produções em que a realidade pandêmica se atrelou a uma indisposição frente ao governo brasileiro vigente.

Os demais medos – relacionamento, loucura, preconceito e morte –, apesar de exibirem sua relevância com as produções que se envolveram, explicitamente, com o cenário de pandemia da covid-19 no país – como o caso do medo da loucura, com 18,2% dessa segunda amostragem –, ao se espelhar com a totalidade de curtas-metragens do festival obteve um baixo impacto. Assim, se constituíram minorias ao se pensar nesses medos na abrangência de produções do festival.

Diante desses resultados, não se buscou responder as perguntas indicadas no início deste tópico. Mas, dentro da possibilidade encontrada para se dialogar acerca desse cenário, percebe-se a influência acentuada do medo do futuro e o medo do (des)governo em um contexto de pandemia da covid-19 no Brasil diante de uma realidade de tragédias e insensibilidades corriqueiras entre os anos de 2020 e 2021. Traça-se, assim, uma ligação entre essas produções audiovisuais presentes no festival para com as noções de medo dispostas neste artigo, mas, sobretudo, com a história em tempo presente.

Além disso, apesar dos números em relação aos outros medos indicarem um baixo impacto na relação de produções atreladas a pandemia covid-19 e o todo do acervo do festival, não há de se menosprezar tais mazelas em uma conjuntura

complexa e inédita para milhões de brasileiros. Pelo contrário, constata-se a existência de se ter medo de diferentes formas e de problemas vinculados aos relacionamentos, aos preconceitos, às loucuras e às mortes em tempos pandêmicos. Contudo, o temor ao futuro e ao governo obtiveram uma prioridade de aflição, de denúncia e de expressão no âmbito do audiovisual.

Por fim, esclarece-se que, a partir dessas inferências, a pandemia da Covid-19 potencializou esses diversificados medos classificados desde o primeiro momento de análise dos curtas-metragens do 3º Festival Curta (C)errado – “o medo nosso de cada dia” a sua maneira ou sob a sua conjuntura, apresentando variações de intensidade e de condição em relação às produções do festival como um todo. Além de se promover como um fato marcante, direta e indiretamente, ao festival e as respectivas produções atreladas a esse tema.

5. Considerações finais

O retrato histórico e multifacetado do medo – e, também, sobre o medo – demanda desafios de reflexão ao se defrontar com a complexidade da trajetória humana. Em vista disso, o medo se revela como uma afeição humana que constitui os indivíduos de formas diferentes no tempo e no espaço. Trata-se de uma característica imanente aos seres humanos, porém, é historicamente construída, já que se atualiza conforme os contextos sociais, políticos e culturais de cada sociedade no tempo e no espaço.

Sob as muitas possibilidades de expressões do medo, edificam-se conexões entre os diferentes tipos de medo, com o intuito não de ramificá-lo, mas, sim, de aprofundá-lo em demandas latentes aos seus usos e enunciações perante diversificadas sociedades e conjunturas. Por isso, esclarece-se as clivagens ou mesmo paisagens do medo em torno de especificidades que acarretam, desde o medo da morte ao medo da ciência, motivações e relações que apresentam permanências e transformações ao longo do tempo.

Nesses parâmetros, o uso do audiovisual para analisar as expressões dos medos aparece como central e suscetível de ser problematizado. Assim, o trabalho

junto ao acervo dos curtas-metragens classificado para a 3º edição do Festival Curta (C)errado – “O medo nosso de cada dia” (2021), cumpre esse papel de investigação das expressões e enunciações e determinados tipos de medo, produzidos em contexto específico.

Nossa análise baseou-se na construção de proposições, levantadas a partir de classificações/divisões dos tipos de medo e de seus contextos histórico-culturais, que caracterizam parte do cenário contemporâneo nacional. No processo metodológico de análise, outras preocupações se destacaram, caracterizando uma primeira classificação em medos de relacionamento, da loucura, da morte, do governo, do futuro e do preconceito.

Para além dessas classificações, a pandemia da covid-19 aparece como um segundo marcador classificatório no interior da primeira divisão. Com isso, nada mais justo que retratá-la enquanto um destaque ou um protagonista dentro do processo de pesquisa cujo impacto e associação ao medo se faz presente, destacando o momento vivido pela maioria dos diretores e produtores dos curtas-metragens, como também, pela própria sociedade brasileira nesses últimos anos.

Diante dessas conclusões, a construção desse artigo se trata, enfim, de uma das muitas avaliações possíveis para prescrutar os caminhos e horizontes que percorrem e entrelaçam o medo, o audiovisual e a pandemia covid-19 diante de (in)certezas, (des)continuidades e (ir)racionalidades experienciadas pelo homem e pela sociedade. Um todo que se manifesta em um processo histórico ainda sob investigação e muitos questionamentos.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: **Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DELUMEAU, Jean. Medos de ontem e de hoje. In: NOVAES, Adauto (Org). **Ensaio Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **A arte da quarentena para principiantes**. São Paulo: Boitempo, 2020.

GERBER, Ignacio. O medo da perda do amor. São Paulo: **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 47, n. 1, p. 32-40, 2013.

KLEIN, Etienne. Questionando a ciência. In: NOVAES, Adauto. **Ensaio Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, vol. 5, nº 10, 1992, p. 237-250.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LIMONGI, Maria Isabel. A racionalização do medo na política. In: NOVAES, Adauto. **Ensaio Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. Cinema: imagem e interpretação. São Paulo: **Tempo Social**, v. 8, n. 2, p. 83-104, 1996.

MISKOLCI, Richard. O medo da pandemia como questão sociológica. Rio de Janeiro: **Sociologia & Antropologia** [online], v.11, n. spec, p. 163-168, 2021.

NOVAES, Adauto (Org). **Ensaio Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. Do medo ao terror. In: NOVAES, Adauto. **Ensaio Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

ROSENSTONE, Robert A. História em imagens, História em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a História em imagens. Salvador: **O Olho da História. Revista de História Contemporânea**, v. 1, n. 5, p. 105 -116, 1998.

SANTOS, Luciana Oliveira dos. O Medo Contemporâneo: abordando suas diferentes dimensões. Rio de Janeiro: **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 23, n. 2, p. 48-55, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005 [1979].

WOLFF, Francis. Devemos temer a morte?. In: NOVAES, Adauto (Org). **Ensaio Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Sesc, 2007.